

Fig. 4.177 e Fig. 4.178 – Moura/Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal – medalhões pré-fabricados colocados *in situ* (fotos da autora)

Relativamente à decoração dos medalhões, poder-se-ão colocar várias hipóteses quanto à sua execução:

Motivo decorativo central

- a forma deste, já estaria possivelmente, integrada no mesmo molde do medalhão;
- ou este poderia também ter sido concretizado através de outro molde e colocado no medalhão posteriormente, apresentando um desenho geométrico definido, concretizado possivelmente com utensílio apropriado (riscador).

Ponteadado decorativo

- Para a concretização do ponteadado existente em todo o medalhão excepto na decoração central, desenhou-se possivelmente uma malha de linhas horizontais paralelas com ferramenta adequada (riscador) ; o ponteadado foi posteriormente marcado sobre a última camada aplicada sobre o medalhão

Contudo, antes destes medalhões terem sido colocados no paramento, este poderia ter tido um primeiro revestimento, talvez um reboco concretizado à base de cal aérea. Os medalhões seriam em seguida encaixados neste reboco ainda humedecido, para uma melhor aderência e, finalmente, cobertos por um reboco mais fino pigmentado (almagre).

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.179 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal, pormenor da camada fina de revestimento que cobre o medalhão (foto da autora)

Existe uma diferenciação cromática nos medalhões, tanto nas superfícies que simulam as juntas da cilharia, como nos motivos decorativos centrais de cada medalhão. Entendemos que esta diferenciação se concretizava pela diferente dosagem de pigmentos misturada na aguada de cal, consoante a coloração que se pretendia obter, ou então pela aplicação de várias camadas de tinta para que resultassem as zonas de cor mais evidenciadas.



Fig. 4.180 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal, diferenciação de cores aplicadas nos medalhões. (foto da autora)

Diagnóstico de anomalias

As patologias inerentes aos revestimentos em estudo, serão, segundo parece, uma consequência de duas causas - a acção nefasta da água e da não acção humana em conservar tais revestimentos.

Para além desta realidade, o revestimento encontra-se localizado num paramento totalmente exposto às intempéries.

Detectámos então as seguintes patologias:

- falta de adesão traduzida por desprendimento das camadas pictóricas;
- falta de coesão interna das camadas de acabamento traduzida por esfoliação;
- alteração das texturas superficiais por abrasão e remoção do material;

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- descolorações parciais da cor original, talvez pelo desaparecimento dos pigmentos lavados nos pontos de escorrências das águas pluviais;
- existência de patina biológica (líquens, algas e fungos);
- presenças notórias de ataques biológicos (eflorescências, penetração de vegetação, fungos, algas e líquens);
- desprendimento das camadas pictóricas provocadas pela perda de adesão entre a alvenaria e as camadas do revestimento.



Fig. 4.181, Fig. 4.182, Fig. 4.183 e Fig. 4.184 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, parede da entrada principal, patologias bem evidentes em franca evolução (fotos da autora)

Proposta de conservação

Relativamente à conservação dos revestimentos em estudo, não é nossa intenção referir os processos que se devem aplicar com o intuito de os preservar, pois este assunto não é do nosso inteiro conhecimento e, como tal, apenas nos limitamos a mencionar que se deve ter em conta a eliminação da fonte das patologias, a consolidação dos paramentos e revestimentos, a sua limpeza e protecção das superfícies à acções nefastas futuras. Porém, estas indicações e outras mais, devem ser levadas a efeito por especialistas com formação adequada.

Revestimentos interiores da parede da entrada principal do convento

O revestimento vem integrado neste estudo por apresentar uma decoração magnífica e pouco comum.



Fig. 4.185 - Castelo/ Convento de Nossa Sr.ª da Assunção, enquadramento da parede da entrada principal (foto da autora)

Fig. 4.186 - Castelo/ Convento de Nossa Sr.ª da Assunção, revestimento interior da parede principal (foto da autora)

Para melhor descrição dos revestimentos interiores da parede em consideração, dividimo-la em partes, de acordo com os revestimentos que este monumento apresenta, tais como :

- parte inferior – parede em alvenaria de tijolo, de pedra irregular e taipa expostas nalguns pontos e rebocada sem caiação noutros;
- parte central – parede rebocada e decorada, apresentando lacunas por falta de material constituinte;
- parte superior constituída pela cimalha e elementos decorativos.

Em nosso entender o revestimento deste paramento tem a função, quer de decorar o espaço, quer de proteger das intempéries o próprio paramento.

Parte central

Este paramento apresenta um revestimento guarnecido com uma decoração baseada na repetição de uma forma geométrica – o círculo. O processo de executar tal decoração designa-se por esgrafitado.

Pela observação *in loco* tivemos a oportunidade de apreciar ainda no revestimento, uma decoração expressiva, traduzida por efeitos notórios de claro e escuro, manifestando leveza no acto representativo, nitidamente estético.



Fig. 4.187 - Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, revestimento (esgrafito) (foto da autora)

Através da consulta bibliográfica realizada sobre a técnica do esgrafitado, encontramos dados informativos, que nos fizeram pensar que a execução do esgrafitado em estudo se baseou em técnicas de origem islâmica ou italiana.

Tal ilação justifica-se pelo facto de termos indicação de que em Segóvia (Espanha) se utilizava a técnica dos esgrafitados como técnica decorativa do revestimento de paramentos interiores ou exteriores, onde a forma geométrica - o círculo tangente se destacava, processo decorativo de influência islâmica ou italiana segundo a opinião de dois autores citados por Ignácio Gárate Rojas na sua obra *Artes de la Cal* :

Como refere Ignácio Gárate Rojas, « *El origen de esta técnica es incierto, quizá sea oriental. En el Museu arqueológico de Granada hemos visto un bello ejemplar califal; el arte islámico lo utilizó; en Itália tuvo un gran apogeo. De los espánoles, el segoviano tiene una clara raíz islámica, no sólo en cuanto a la técnica, sino en lo repetitivo de un dibujo que cubre el plano (...).*

En Segóvia se conocen esgrafitados medievales del siglo XIV y posiblemente anteriores; los catalanes se popularizan ya en época barroca.

El arquitecto segoviano Luis Felipe Peñalosa y Contreras, en su obra «Los esgrafiados Segovianos», dice :

«El esgrafiado segoviano, como tal decoración, es una manifestación más del mudejarismo, tan frecuente en la ciudad. Claro está que el procedimiento de encintando se dirige a un fin constructivo y que si tiene una aspiración artística es la modesta de que la obra aparezca como más terminada; puede ser de origen cristiano. Pero el tránsito de esta fase a la de círculos tangentes, o sea, la transformación del encintado en un motivo ornamental, responde, sin duda, al ya indicado concepto mudéjar de la decoración: la repetición machacona de un tema ligeras variantes realizada com materiales blandos.

El esgrafiado sirve para cubrir los muros de muy pobre construcción con una decoración grata que era sencilla de realizar y de poco coste (...).

El márques de Lozoya, en su estudio « La Casa Segoviana», comenta:

« Para cubrir de una manera decorosa y noble los muros tan pobremente coonstruídos se hubo de adoptar ese típico revoque segoviano de yeserías recortadas, tan bello y tan resistente, conocido com el nombre erudito de esgrafiado, venido de Italia y com el vulgar de aplantillado. Su origen lo vemos, como el Sr. Lmapérez, en el resalto de yeso que marca las juntas de las piedras en las obras de mampostería o sillarejo ; así se ve en ciertos antiguos muros del Alcázar, de la Casa de Segovia y torre de Hércules,. El gusto mudéjar por el ornato a base de la repetición de un motivo se apoderó del procedimiento, sujetándolo ya a un dibujo simétrico, primero de círculos tangentes, que en el siglo XIV todavía se adaptaban algo a la disposición de las piedras (...)»⁸⁴.



Fig. 4.188 – Segovia, Torrén de Lozoya, esgrafiado segoviano (Ignacio Garate Rojas, Arte de la Cal, esgrafiados, 1993, p.159).

No contexto português, Paulo Pereira, na sua obra História da Arte em Portugal refere também a existência de um esgrafito de origem islâmica, presente na Ermida de S. Brás de Évora, no qual se destacam nitidamente,

⁸⁴ I. Gárate Rojas, ob. cit. (1993) p p 159-160.

duas formas geométricas - o espinhado e as ovais entrelaçadas.

«O outro monumento é a Ermida de S. Brás de Évora. Os seus trabalhos devem ter sido concluídos por volta de 1490, (...). É pelo exterior que melhor se percebe a sua originalidade, uma vez que as formas são, por assim dizer, típicas não só do tardo-gótico alentejano mas também daquilo a que habitualmente associamos ao mudenjarismo na arquitectura. (...) Claramente de proveniência islâmica é a inesperada decoração em esgrafito que se surpreende no cimo das paredes e dos contrafortes da Galilé com dois motivos geométricos - o espinhado e as ovais entrelaçadas»⁸⁵.



Fig. 4.189 – Évora, Ermida de S. Brás, esgrafito –1490 (foto de Helena Mourato)

Técnica utilizada

Como já foi referido nas citações anteriores, a técnica do esgrafitado aplicava-se como uma decoração de um revestimento que tinha geralmente a função de proteger alvenarias de pouca qualidade. Para além disso era ainda um processo magnífico, pouco oneroso.

Esta realidade está patente no paramento em estudo, sendo este constituído por alvenaria de tijolo, taipa e ainda alvenaria de pedra irregular, como já tínhamos referido aquando da descrição do revestimento exterior desta parede.

⁸⁵ Paulo Pereira, *História da Arte Portuguesa, Do Modo gótico ao manuelino (séculos XV-XVI)- As grandes edificações (1450-1530)*, vol. II, Círculo dos Leitores, Lisboa, 1995, p. 41.

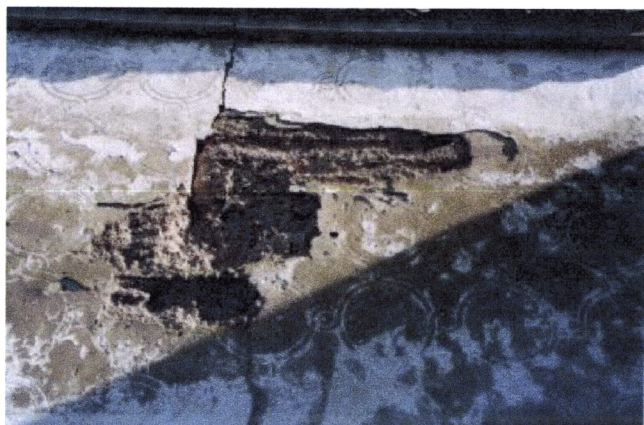


Fig. 4.190, Fig. 4.191 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, materiais constituintes da parede – taipa e alvenaria de pedra irregular (fotos da autora)

«A técnica de execução dos esgrafitos, ainda que existam diferenciações regionais, é muito similar implicando, a sobreposição de duas ou mais camadas de argamassa de cal com cores diferentes, retirando-se partes da camada superficial, de acordo com um desenho previamente definido (aplicado através do estresido), até sobressaírem as cores da camada subjacente»⁸⁶.

Pudemos detectar a presença de várias camadas, conforme as necessidades que se pretendiam colmatar, tanto estéticas, como protectoras de um determinado paramento. Foi-nos possível definir concretamente a existência de uma primeira camada – reboco base – geralmente caracterizada por apresentar pigmentos através de areias amarelas, vermelhas ou cinzentas e ainda devido à presença de outros materiais que lhe forneciam diferentes cores, dependentes da utilização de combustíveis de diferente natureza – a palha ardida, o carvão moído – ou da inserção de terras colorantes⁸⁷.

Posteriormente à execução do reboco base era-lhe aplicado um guarnecimento, normalmente em duas camadas, manufacturadas com pasta de cal, argamassas de pasta de cal e pó de pedra ou com areia siliciosa fina. Este guarnecimento poderia ser pigmentado pelo uso de terras naturais, tais como, os ocre, sienas, vermelhos e terras verdes ou ainda ter a cor natural⁸⁸.

Ao aplicarem-se as camadas, era imprescindível ter-se em conta se se estava a criar uma boa aderência, garantida, de todos os pontos de vista. Para tanto, só se devia aplicar sucessivamente cada camada, quando a

⁸⁶ J. Aguiar, *ob. cit.*, (1999) p. 350.

⁸⁷ *Idem*, p. 350.

⁸⁸ *Idem*, p. 350.

anterior já oferecesse alguma resistência, mas sem estar completamente endurecida. Geralmente a última camada tinha a espessura de 3mm⁸⁹.

Após a aplicação das camadas necessárias, iniciava-se outra fase de execução, - a passagem do desenho pretendido para o guarnecimento. Para se poder realizar tal actividade correctamente era necessário esperar um ou dois dias após o guarnecimento estar concluído. Na aplicação do desenho usava-se a técnica do estresido, (passava-se o desenho do “papel de pique”) com o auxílio de uma boneca suja em pó de carvão ou então utilizava-se um molde recortado em folha de zinco que se fixava no local desejado, principalmente quando se pretendia repetir um determinado padrão⁹⁰.

O recorte dos desenhos era feito de modo a proteger-se o esgrafito da presença de água; depois cortavam-se os desenhos efectuando-se uma incisão de 45 ° para o exterior do desenho⁹¹.

Em seguida, conforme o desenho pretendido retiravam-se as partes não desejadas, através da raspagem com materiais adequados (raspadores, como as lâminas das serras). A raspagem era feita até ficar à vista a camada subjacente de coloração diferente e de textura bem evidenciada, contrastando com a superfície final geralmente lisa do guarnecimento. A última fase constava da limpeza através da utilização de uma escova⁹².

Outras duas questões a tomar em consideração dizem respeito à época do ano escolhida para se fazer o esgrafito, de preferência a Primavera e o Outono (temperaturas moderadas e alguma humidade relativa), pois no Verão com temperaturas quentes implicava que se cobrisse o trabalho para que este não secasse rapidamente. A outra questão fundamental era a necessidade do trabalho ser realizado por pessoas com grande competência profissional, capazes de executarem rapidamente esse trabalho. Para que tal acontecesse, teria que haver, de certeza, um planeamento bem definido das jornadas a cumprir.

No que concerne a revestimento do nosso caso de estudo, devido à falta da sua caracterização mineralógica microestrutural, não sabemos, concretamente, qual o número de camadas aplicadas e os pigmentos utilizados na camada de reboco possivelmente de base. Pela observação *in situ* supomos que o revestimento é constituído por um reboco de base, provavelmente pigmentado (apresenta tonalidade escura) e por um guarnecimento (espessura de mais ou menos 3 a 4 mm) pintado posteriormente com leite de cal, misturada com uma percentagem de ocre (apresenta ainda em certas zonas um tom amarelado claro).

⁸⁹ *Idem*, p. 351.

⁹⁰ *Idem*, p. 351.

⁹¹ *Idem*, p. 351.

⁹² *Idem*, p. 351.

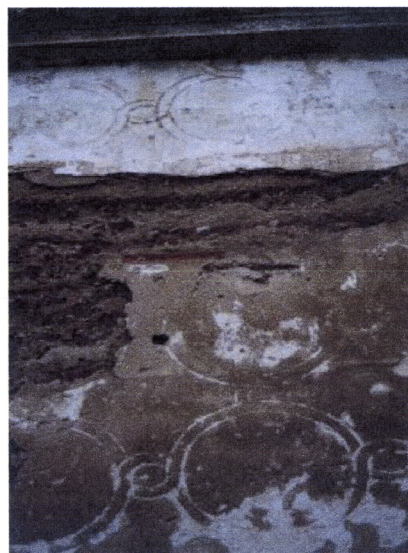


Fig. 4.192 e Fig. 4.193 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, pormenor das camadas constituintes do revestimento interior da parede da entrada principal (fotos da autora)

O processo de aplicação do desenho é, possivelmente, equivalente ao já explicado. É notória a aplicação, em primeiro lugar, de uma malha base definida por linhas acessórias para se executar com os instrumentos adequados o desenho pretendido, retirando as partes da camada superficial não pretendida e, possivelmente, por fim escovando-se o paramento.



Fig. 4.194 e Fig. 4.195 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, visualização do processo de aplicação do desenho no revestimento. (fotos da autora)

Diagnóstico de anomalias

Como se referiu na análise do revestimento anterior, as patologias nele existentes, são sobretudo consequência da acção nefasta da água e da não acção humana que deveria estar interessado em conservar tais revestimentos.

Detectámos as seguintes patologias:

- desprendimento das camadas pictóricas provocada pela perda de adesão entre a alvenaria e as camadas do revestimento;
- falta de coesão interna das camadas de acabamento traduzida por esfoliação;
- alteração das texturas superficiais por abrasão e remoção do material;
- descolorações parciais da cor original, talvez pelo desaparecimento dos pigmentos lavados nos pontos de escorrências das águas pluviais;
- existência de patina biológica;
- presenças notórias de ataques biológicos (eflorescências, penetração de fungos e líquens).

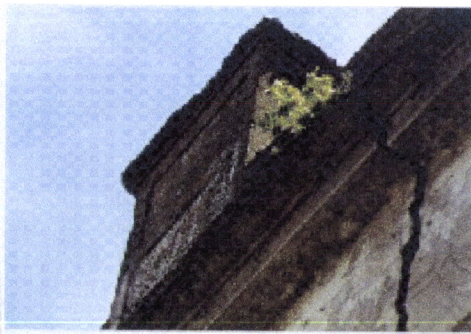


Fig. 4.196 e Fig. 4.197 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, visualização de patologias(fotos da autora)

Proposta de conservação

Relativamente à conservação do revestimento em estudo, as dificuldades de se definirem as possíveis soluções de tratamento e conservação continuam a ser ignoradas. No entanto, tal como atrás dissemos, é importante ter-se em consideração a eliminação da fonte das referidas patologias, a consolidação dos paramentos e revestimentos, a sua limpeza e protecção das superfícies de nefastas acções futuras. Mas, nunca é demais sublinhar-se que estas intervenções, assim como outras mais, devem ser confiadas a especialistas com formação adequada.

Revestimento aplicado na abobada de um dos compartimentos do convento

Em nosso entender, este tipo de revestimento caracteriza-se por lhe ter sido aplicada uma técnica decorativa designada por "fingido", concretizada nas nervuras da abóbada com o intuito de simular pedra – material nobre, através da técnica de pintura das juntas entre blocos imaginários⁹³.



Fig. 4.198 – Moura, Convento de N. Sr.ª da Assunção do Castelo, compartimento (6) abobadado (revestimento em estudo) (foto da autora) Fig. 4.199 - *Idem*, abóbada com revestimento a simular pedra através de pintura das juntas (foto da autora)

Esta técnica foi utilizada desde tempos recuados, já pois os Gregos e os Romanos a aplicavam. Trata-se de uma prática muito em voga de enriquecimento, quer das fachadas quer dos interiores dos edifícios, comunicando-lhes uma imagem arquitectónica mais sumptuosa⁹⁴.

Técnicas e soluções aplicadas

A descrição da técnica utilizada baseia-se apenas em hipóteses somente fundamentadas, através da observação *in situ* e de consulta bibliográfica da nossa iniciativa. Admitimos que para se poderem descrever correctamente os processos utilizados neste revestimento, teríamos de recorrer ao apoio técnico de um Laboratório de Investigação que nos daria a sua caracterização mineralógica e microestrutural.

⁹³ «O conceito de arquitectura "pobre" surge em Itália traduzindo todos aqueles edifícios em que os materiais correntes eram usados de uma forma sistemática com funções de simulação de materiais nobres.

Esta prática, comum em todos os países e em todas as épocas, visava uma economia de meios materiais, mantendo no entanto uma aparência nobre e requintada das construções. São vários exemplos destes procedimentos, destacando-se os casos mais correntes da simulação da pedra através do uso de rebocos com a configuração de elementos daquele material e de pinturas sobre superfícies planas definindo juntas entre blocos imaginários.» Fernando Henriques, *ob. cit.*, (1997) p. 71.

⁹⁴ Veja-se sobre o assunto J. Aguiar; M. Tavares; I. Mendonça, *Fingidos de Madeira e de Pedra – Breve Historial, Técnicas de execução, restauro e de conservação*, Lisboa, CENFIC, pp. 3 -11.

Os fingidos podiam ser executados através da aplicação de várias técnicas.

Com base na realidade presente, nos revestimentos em estudo, apenas referiremos as técnicas que possivelmente foram utilizadas. No entanto, acrescentamos que a sua aplicação tinha como intuito primeiro simular as juntas bem definidas entre blocos de pedra imaginários, como já sabemos.

Pelo que nos foi possível observar nos locais onde o revestimento caiu, tivemos a oportunidade de constatar que este era constituído, possivelmente, por um reboco base e por um guarnecimento muito fino feito segundo pensamos, através de uma argamassa de cal e areia de granulometria fina.

Uma das técnicas de se executar um fingido baseava-se na utilização de cal com a cor pretendida, integrada na própria massa, originando um guarnecimento. Esta simulação das cores e da textura dos materiais era conseguida, possivelmente por meio de uma selecção rigorosa dos agregados que iriam ser utilizados, tais como : terras, pigmentos, areias de diversas qualidades, etc.

Este fingido contendo na sua massa o material que lhe dava cor, desempenhava a função de protecção dos elementos construtivos; era significativamente mais durável, não exigindo grande manutenção. Por tais razões, esta técnica revela-se como mais resistente do que as técnicas correntes de simulação por pintura.

A outra técnica a ter provavelmente sido executada seria a pintura de fingido: *«Entende-se por pintura de fingidos um tipo de decoração pictórica aplicada a revestimentos arquitectónicos, interiores e exteriores, sobre pedra, alvenaria, rebocos, barramentos, estuques e madeira, recriando materiais nobres, exóticos e valiosos, como determinados tipos de madeiras e pedras, tartaruga, laca, tecidos e inclusivamente azulejos»*⁹⁵.

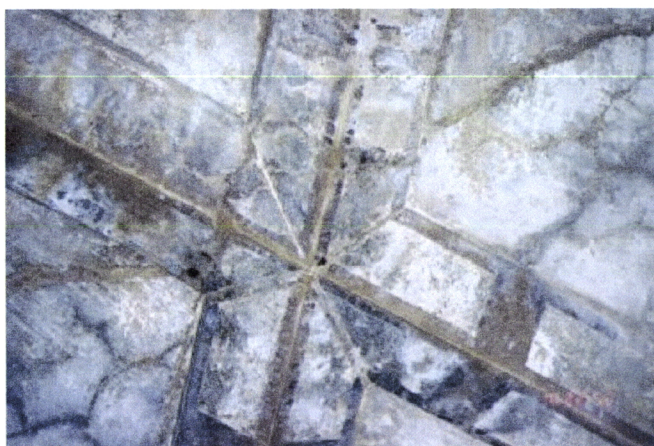


Fig. 4.200 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, revestimento do compartimento (6) possivelmente decorado com pintura de fingido com o intuito de simular blocos imaginários de pedra através da pintura com cor destacante de juntas desses mesmos blocos (foto da autora)

⁹⁵ *Idem*, p. 5.

A pintura de fingido possivelmente concretizada sobre as nervuras da abóbada, pode ser considerada como uma decoração pictórica aplicada sobre revestimentos arquitectónicos – superfícies sacrificais – que protegem a alvenaria de tijolo.



Fig. 4.201 – Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, revestimento sobre alvenaria de tijolo (foto da autora)

Diagnóstico de anomalias

A água é a principal causa de alteração de fingidos das estruturas edificadas. A humidade pode surgir por capilaridade, infiltração e condensação.

O ambiente húmido proporciona o desenvolvimento de microorganismos de fungos que muito afectam a decoração pictórica.

Esta situação ainda proporciona o aparecimento de:

- eflorescências e criptoflorescências de sais solúveis;
- desprendimento de camadas pictóricas por perda de adesão entre as camadas de revestimento e a alvenaria;
- a perda de coesão interna das camadas de pintura ou de acabamento resultando numa esfoliação.



Fig. 4.202 - Moura, Convento de Nossa Sr.ª da Assunção do Castelo, visualização de algumas patologias (foto da autora)

Propostas de conservação

Uma vez detectado o estado de conservação e constatadas as degradações dos revestimentos, dever-se-á realizar um projecto de conservação, a ser realizado por técnicos especialistas.

Passamos a referir, algumas intervenções que se poderão executar para colmatar certas lacunas, no nosso caso de estudo:

- detectar a origem da humidade para, posteriormente, se tomarem as medidas adequadas à conservação;
- assegurar uma ventilação de modo a impedir a propagação de microorganismos e fungos;
- proceder a um tratamento anti-séptico contra os microorganismos;
- executar uma limpeza da superfície com materiais adequados;
- procurar resolver os problemas de coesão e adesão dos diversos estratos;
- procurar tapar as lacunas existentes com materiais compatíveis com os de origem.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

4.3. O Bairro da Mouraria

4.3.1. Delimitação da área em estudo

A Mouraria de Moura, como já mencionámos, surgiu pela necessidade de se criar um bairro para albergar os mouros forros, tendo estes sido expulsos do espaço intra-muros da vila, a fim de evitar a comunicabilidade com a população cristã. Perante esta necessidade a malha urbana da vila aumentou para fora do perímetro amuralhado.

Através de um dos desenhos de Duarte D'Armas pertencente ao século XVI, podemos constatar que o Bairro da Mouraria era delimitado por outros bairros a Sul, e por campo aberto a Oeste.

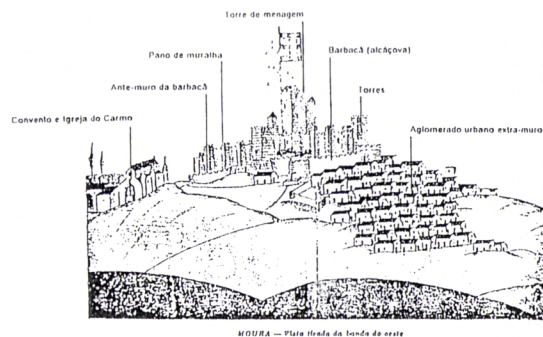


Fig. 4.203 - Vista de Moura, desenho de Duarte D'Armas – século XVI (A. H. de Oliveira, A Sociedade Medieval Portuguesa, Aspectos da Vida Quotidiana, A Casa, 5ª edição, Livraria Sá da Costa, Lisboa, 1987, p.72)

Com o decorrer do tempo a Mouraria ficou completamente rodeada por outros bairros de habitação. Presentemente, é delimitada pela Praça Sacadura Cabral, Ruas do Cordovil, dos Lagares, da Muralha, do Matadouro e da Estalagem.

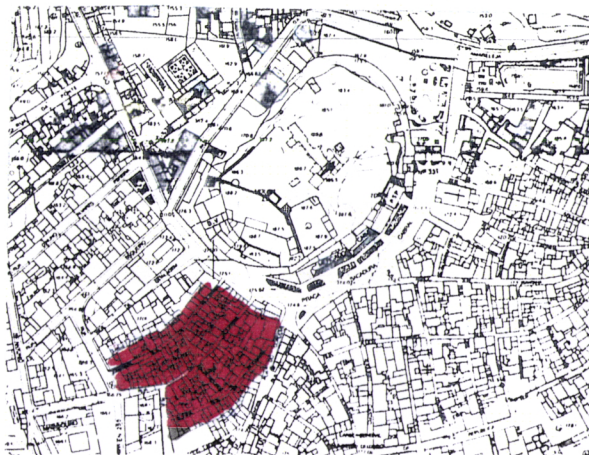


Fig. 4.204 – Moura, planta de 1990 (Câmara Municipal de Moura)

4.3.2. Estrutura do tecido urbano

Pela inexistência de documentação nada se sabe sobre a razão da escolha do local de implantação do bairro, nem das características do seu povoamento inicial, embora a sua localização periférica fosse outrora uma situação corrente na maior parte das mourarias ¹.

Já anteriormente referimos que a partir, de dados constatados no século XVII, aquando das obras de construção do novo sistema defensivo, podemos ter a noção de que o Bairro da Mouraria tinha grandes dimensões, uma área urbana semelhante ao espaço Intra-Muros, albergando em principio durante a Idade Média um número muito significativo de população. (52 MATTOS, Gastão de Melo de, 1941 - Nicolau de Langres e a sua obra em Portugal, Lisboa, Comissão de História Militar, 1941), sempre acrescido ao longo de toda a Baixa Idade Média ².

Não podemos afiançar a credibilidade desses dados, passamos a enunciar várias hipóteses sobre esta temática, a começar pela origem da Mouraria :

- Ter-se-ia este bairro iniciado pela construção de uma rua, a exemplo da Mouraria de Beja ?
- Ou pela abertura de um grupo de ruas, a pouco e pouco aumentado de harmonia com as necessidades dos residentes ?

Fragoso de Lima refere que: «*Enquanto a Mouraria de Beja se limitava, unicamente, a uma rua junto a uma das muralhas, a Mouraria de Moura constitui ainda hoje um bairro completo, formado por quatro grandes ruas (3 longitudinais e 1 transversal) e por um largo, com apreciáveis vestígios arqueológicos e rico em tradições e lendas*» ³.

Santiago Macias refere o seguinte sobre este bairro: «*A constituição deste bairro, que albergaria no seu interior algumas centenas de habitantes, resultou da expulsão mourisca do perímetro amuralhado e da sua reinstalação num terreno a Sudoeste do castelo, contíguo à maqbara da cidade. Parte da população de Moura concentra-se então nas diversas ruas, travessas e largos da Mouraria em vias cujo nome antigo permaneceu na documentação (como as ruas de Aly Pinto ou do Cabo da Mouraria, por exemplo), mas cuja memória se perdeu, impossibilitando a sua identificação física*» ⁴.

Ainda no que concerne a toponímia, há que ter em consideração que também era usual as ruas serem conhecidas pelo nome das actividades profissionais predominantes. No que respeita a esta Mouraria, as designações mais antigas que conhecemos são: Rua de Aly Pinto e Cabo da Mouraria, neste caso sem qualquer relação com

¹ Sobre o assunto veja-se Jorge Gaspar, *A Propósito da Originalidade da Cidade Muçulmana*, Separata de Finisterra, Revista Portuguesa de Geografia, vol. III-5, Lisboa, 1968, p. 21, ver também Luís Filipe Oliveira; Mário Viana, Mouraria de Lisboa, em *Arqueologia* n° 2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p.192, ver ainda M. Tavares, *ob. cit.*, (1982) p. 82.

² Santiago Macias, Moura na Baixa Idade Média: Elementos para um Estudo Histórico e Arqueológico, em *Arqueologia Medieval*, n° 2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, pp. 135-136.

³ Fragoso de Lima, *Elementos Históricos e Arqueológicos do Concelho de Moura*, Biblioteca Municipal, Moura, 1984, p.433.

⁴ S. Macias, *ob.cit.*, (1993) p.135.

qualquer tipo de profissão. Tal situação ocorre, talvez, por ser a agricultura a preponderar em detrimento das actividades mestreiras ou dos comerciantes.

A designação desta rede viária perdeu-se há vários séculos, sendo substituída por uma classificação ordinal (Primeira, Segunda e Terceira Ruas da Mouraria). Segundo Fragoso de Lima, «A Mouraria de Moura era um bairro com três ruas (habitadas de um lado e de outro) perpendiculares à muralha nova chamadas Primeira, Segunda e Terceira Ruas da Mouraria, como já foi referido anteriormente, e de uma outra que corta as supra-mencionadas quase pelo meio, designada por Travessa da Mouraria. Além disto, ao centro do bairro ficava (e ainda existe) um largo triangular conhecido por Terreiro da Mouraria»⁵.

Actualmente o Bairro da Mouraria é um espaço com uma certa linearidade, aberto à circulação, facilitando às inúmeras gerações que a habitam, acessos ao resto da cidade de Moura que a envolve. Tal situação ocorre pelo facto de todas as ruas (Primeira, Segunda e Terceira Ruas da Mouraria), excluindo-se a rua transversal e o Largo da Mouraria, terem acesso directo às vias que as delimitam.

Presentemente considera-se que o traçado urbano da Mouraria se distingue pelo seu grande valor histórico. A este propósito Santiago Macias refere o seguinte: «Da ocupação mais antiga da Mouraria chegaram até nós apenas ténues vestígios dispersos. Os elementos da presença dessa população é apenas residual, estando presente no traçado das ruas ou no bocal do poço, manufacturado no século XIV e ainda hoje existente no Largo da Mouraria»⁶.



Fig. 4.205 – Moura, Planta do bairro habitacional de década de 90 (Câmara Municipal de Moura)

⁵ J. Fragoso de Lima, *Monografia Arqueológica do Concelho de Moura*, E.d. Câmara Municipal de Moura, Moura, pp.107-108.

⁶ S. Macias, *ob. cit.*, (1993) p.136.



Fig. 4.206 – Moura, Bairro da Mouraria, Poço Árabe (foto da autora)

4.3.3. Estudo arquitectónico/morfológico

Como já referimos no terceiro capítulo deste trabalho, a preservação dos valores tradicionais inerentes ao património urbano e arquitectónico histórico, é determinante para se poderem entender as pressupostas identidade e autenticidade que esse mesmo património ainda contém.

Foi também realçado que, ao querer-se conservar um determinado património é praticamente “obrigatório” respeitarmos as características tradicionais que o representam.

A escolha do Bairro da Mouraria não se deveu apenas ao facto deste bairro ser classificado como imóvel de interesse público, mas, ainda por ser, detentor de uma malha urbana de origem, e por possuir elementos edificatórios imprescindíveis ao entendimento da linguagem arquitectónica usada por gerações remotas. Parte do edificado deste bairro enquadra-se na imagem da arquitectura popular, expressão cultural dominante na região interior do Alentejo. Deve ser auxiliada para não perder a pouca autenticidade que lhe resta, isto é, para resistir à sua completa descaracterização.

Acrescentamos, que, qualquer troço da malha urbana, definido com valor histórico, perde a sua magnificência e importância, logo que deixe de ser detentor dos elementos da linguagem tradicional que o identificam.

A Mouraria pode ser considerada como um núcleo da cidade antiga de Moura, visto ainda apresentar características que nos podem identificar com linguagens arquitectónicas representativas dos costumes de gerações aí residentes, muito anteriores à actual, traduzidas por continuarem a transmitir-nos uma determinada imagem de

carácter tradicional, representada por tipologias arquitectónicas evidentes nalguns edifícios que tiveram a “sorte” de serem conservados, dado a população ter respeitado os materiais e processos de construção tradicionais aplicados.

Para além de tais aspectos considerados, como razões suficientemente plausíveis da escolha do Bairro da Mouraria como tema de estudo do nosso trabalho, cumpre acrescentarmos que pode ser considerado como uma motivação para o restabelecimento da prática da construção tradicional, pela conservação correcta do edificado através do uso de técnicas e processos de construção tradicionais ainda tão evidentes.

Por aquilo que podemos observar *in loco* neste bairro, “aposta-se” inequivocamente, na aplicação de práticas modernas de construção no acto de “conservar”, nada compatíveis com a construção de raiz, contribuindo-se unicamente para a sua destruição progressiva, fazendo-se uma vez mais tábua rasa da experiência e dos conhecimentos dos chamados “ mestres de ofícios”, especializados nesta área de construção.

4.3.3.1. Tipologia dos edifícios – actual estado de conservação

Em nossa opinião, é pertinente elaborar-se uma análise das tipologias arquitectónicas tradicionais que presentemente subsistem no Bairro da Mouraria e referir de forma sucinta as deturpações que sofreram ao longo dos tempos ⁷.

Esta análise será concretizada segundo os critérios estabelecidos aquando da definição tipológica arquitectónica do edificado do espaço Intra-Muros do Castelo, em razão da equivalência entre as características arquitectónicas do edificado dos dois núcleos urbanos.

Propomos os seguintes critérios :

- 1º critério - Tipologia arquitectónica – definição da imagem exterior do edifício (casa térrea- rés-do-chão ou de dois pisos – sobradada, cobertura de duas águas, com chaminé, sem chaminé, uma ou mais aberturas, etc).
- 2º critério - Tipologia arquitectónica – definição do nº de pisos e divisões que constituem o edifício e sua articulação (casa com um ou dois pisos, uma ou mais divisões).
- 3º critério - Tipologia arquitectónica - Relação espacial entre o edifício (fachada principal) e a rua (paralela ou perpendicular à rua).

Após a definição dos nossos critérios, passamos apresentar a análise tipológica arquitectónica do edificado habitacional do Bairro da Mouraria:

- 1º critério - Tipologia arquitectónica – definição da imagem exterior do edifício.

⁷ Para a concretização desta análise, utilizámos os seguintes documentos : fotografias antigas e actuais, plantas elaboradas na década de 90 pertencentes ao Plano de Pormenor do Castelo de Moura executado pelo Senhor Arq. Lamas e sua equipa e o levantamento arquitectónico realizado pelos alunos da Universidade Lusíada orientados pelo Senhor Professor Arq. Rosado Correia.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

1.º Tipo - casa baixa de um só piso.

Este tipo de casas apresentam :

- rés-do-chão;
- telhado de duas águas com beirado saliente em telha de canudo (mourisca);
- relativamente às aberturas :
 - uma única abertura na fachada que iluminava o espaço interior, a porta concretizada em madeira com um ou dois postigos;



Fig. 4.207 - Moura, Bairro da Mouraria, casas no antigamente apenas com uma abertura. (foto de João da Mouca)

Fig. 4.208 - *Idem*, casas actuais com uma abertura (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- duas aberturas – porta com um ou dois postigos e janela feitas de madeira.



Fig. 4.209- Moura, Bairro da Mouraria, casas no antigamente com mais de uma abertura (foto de João da Mouca)

Fig. 4.210 - *Idem*, casas com mais de uma abertura no momento presente (foto de autora)

- A característica mais marcante desta tipologia reside na presença da chaminé. Assim definimos vários tipos de casa térrea consoante o tipo de chaminé que lhe está inerente:

- casas com chaminé de ressalto localizada ao lado da abertura - porta, encontra-se saliente no prumo da fachada. Também designada de “escuta”;



Fig. 4.211 - Moura, casa do antigamente da 1ª Rua da Mouraria (foto de João da Mouca)

Fig. 4.212 - Moura, casas actuais da 1ª Rua da Mouraria (foto da autora)

CONTRIBUTO PARA A CONSERVAÇÃO DO PATRIMÓNIO URBANO DE MOURA

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- casas com chaminé de secção rectangular ou quadrangular localizadas sobre o telhado, podendo ser de grande ou pequena dimensão;



Fig. 4.213 - Moura, casas da 2ª Rua da Mouraria (foto da autora)

Fig. 4.214 - Moura, casa da Travessa da Mouraria (foto da autora)

- casas com chaminé de secção cilíndrica localizadas sobre o telhado, geralmente de grandes dimensões

2ª Tipo – casas sobradadas

Este tipo de casas apresentam dois pisos:

- sobrado que ocupa parte do 2º piso, não visível do exterior;



Fig. 4.215 - Moura, casa da 2ª Rua da Mouraria. (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- sobrado que ocupa todo o 2º piso, visível do exterior;



Fig. 4.216 - Moura, Bairro da Mouraria, casa do Largo da Mouraria (foto da autora)

- telhado de duas águas com beirado saliente em telha de canudo (mourisca).
- relativamente às aberturas:
 - duas aberturas ou mais – porta com um ou dois postigos e janela feitas de madeira;



Fig. 4. 217 - Moura, Bairro da Mouraria, janela de pequenas dimensões (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- relativamente às chaminés:
 - casas com chaminé de ressalto, de grandes dimensões, localizada no prumo da fachada, definindo um pano vertical no seguimento da porta e das janelas;



Fig. 4. 218 - Moura, Bairro da Mouraria, casa sobradada com chaminé de ressalto (foto da autora)

- casas com chaminé de secção rectangular ou quadrangular localizada sobre o telhado, geralmente de pequena dimensão;
- casas com chaminé de secção circular localizada sobre o telhado.



Fig. 4. 219 - Moura, Bairro da Mouraia, casa sobradada com chaminé circular (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- 2.º critério - Tipologia arquitectónica – definição do número de pisos e divisões que constituem o edifício e sua articulação (casa com um ou dois pisos, uma ou mais divisões).

Para a concretização desta análise baseada no segundo critério, resolvemos citar de novo os tipos de casas de habitação definidos por Maria Ângela Beirante ⁸.

- 1.º Tipo - mais ou menos uniforme ou simples, formado por dois ou mais compartimentos térreos, por vezes complementados por outros anexos.

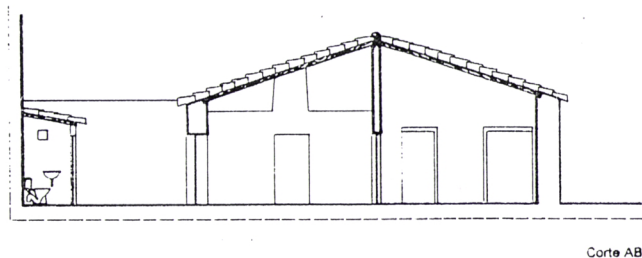


Fig. 4.220 – Moura, Bairro da Mouraria, casa térrea com quintal (desenho elaborado pelos alunos da Universidade Lusíada, sob a orientação do Senhor Professor Arquitecto Rosado Correia)

- 2.º Tipo - construção que cresceu em altura, mantendo embora a sua estrutura inicial do primeiro tipo. É a casa sobradada em que é visível uma maior especialização de funções.

Estes tipos de casas são notoriamente evidentes no Bairro da Mouraria, tais como :

- casas sobradadas com várias divisões consoante o sobrado ocupar parte ou totalmente o 2.º piso;

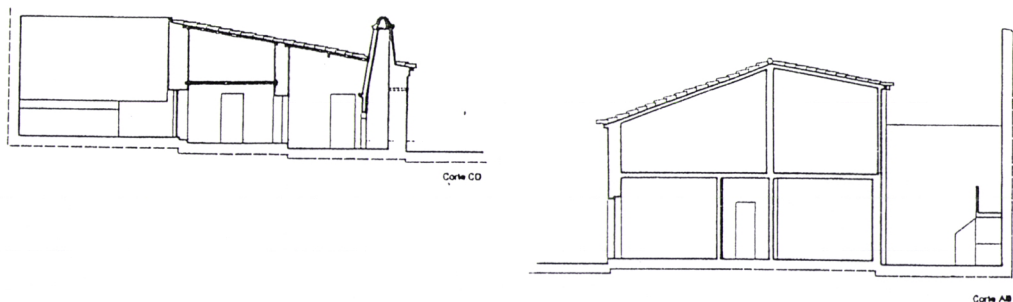


Fig. 4.221 e Fig. 4. 222 – Moura, Bairro da Mouraria, casas sobradadas (desenhos elaborados pelos alunos da Universidade Lusíada, sob a orientação do Senhor Professor Arquitecto Rosado Correia)

⁸ Assunto referido na alínea 4.2.3.3. Património Arquitectónico Habitacional – Casa de Habitação, A importância do estudo tipológico habitacional do espaço Intra-Muros, baseado em M. Ângela Beirante, Évora na Baixa Idade Média, Dissertação de Doutoramento, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1988, p. 123

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

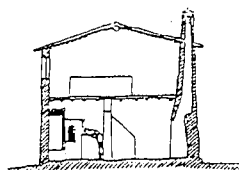
- 3º critério - Tipologia arquitectónica - Relação espacial entre o edifício (fachada principal) e a rua

- 1º tipo – edifício que se desenvolve paralelamente à rua.

TRAVESSA
LOTE DESENVOLVE-SE PARALELAMENTE A RUA

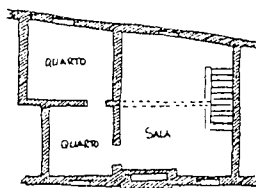


Fig. 4.223

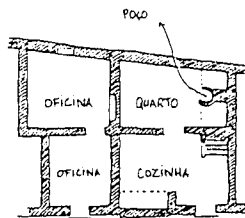


CORTE TRANSVERSAL

Fig. 4.224



2º PISO



1º PISO

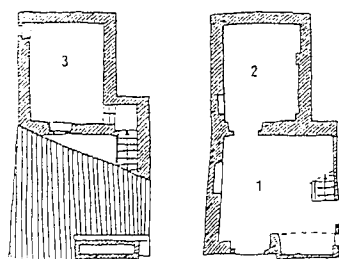
0 1 2 4m

Fig. 4.223 – Moura, Bairro da Mouraria, casas desenvolvidas paralelamente à rua (desenhos elaborados pelos alunos da Universidade Lusíada, sob a orientação do Senhor Professor Arquitecto Rosado Correia

Fig. 4.224 – *Idem*, (Santiago Macias, Moura da Baixa Idade Média, em Arqueologia nº2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p.144)

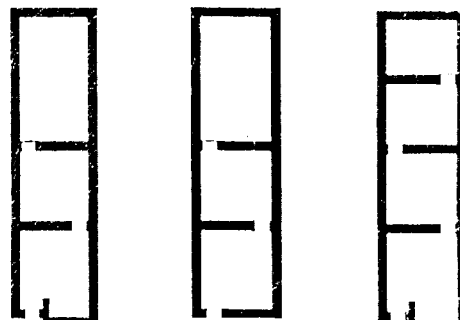
- 2º tipo – edifício que se desenvolve perpendicularmente à rua.

LOTES DESENVOLVEM-SE PERPENDICULARMENTE A RUA



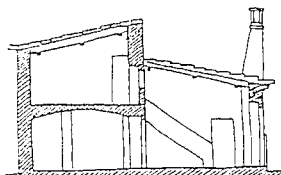
2º PISO

1º PISO



1- FASE

UNIÃO DE DOIS LOTES DA 1- FASE



CORTE



ALÇADO

Fig. 4.226

2- FASE

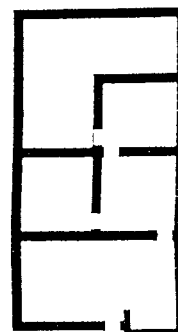


Fig. 4.225

Fig. 4.225 - Moura, Bairro da Mouraria, casas desenvolvidas perpendicularmente à rua (desenhos elaborados pelos alunos da Universidade Lusíada, sob a orientação do Senhor Professor Arquitecto Rosado Correia)

Fig. 4.226 – *Idem*, (Santiago Macias, Moura da Baixa Idade Média, em Arqueologia nº2, Edições Afrontamento, Porto, 1993, p.143)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

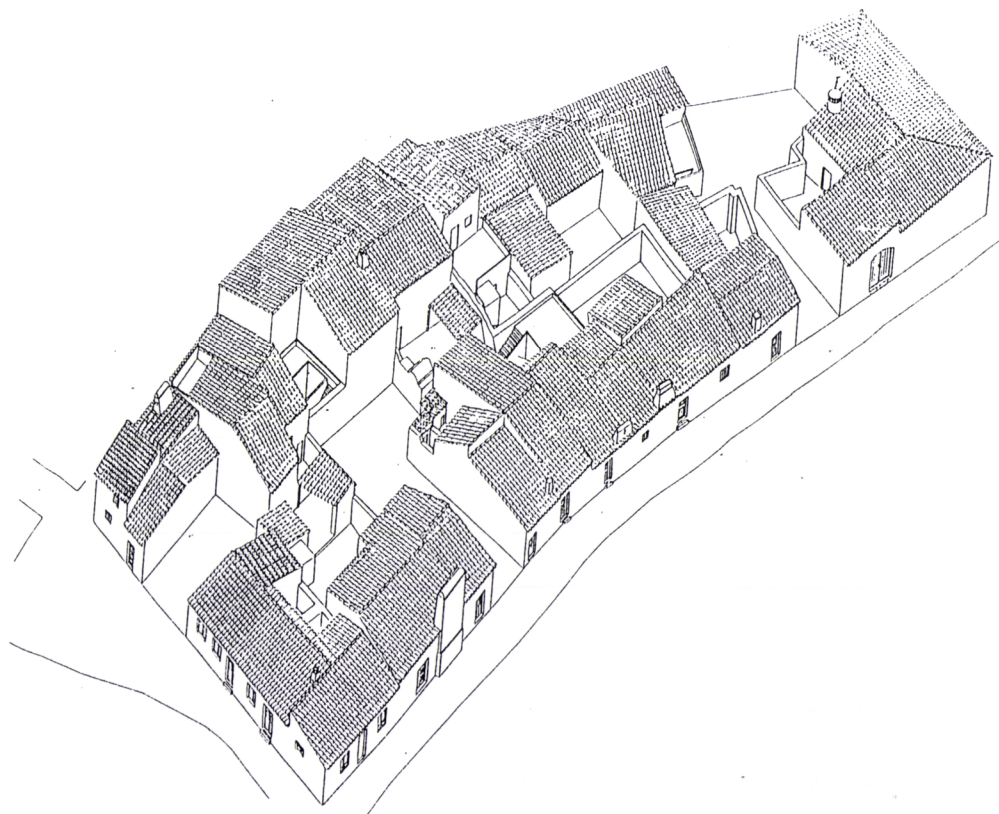
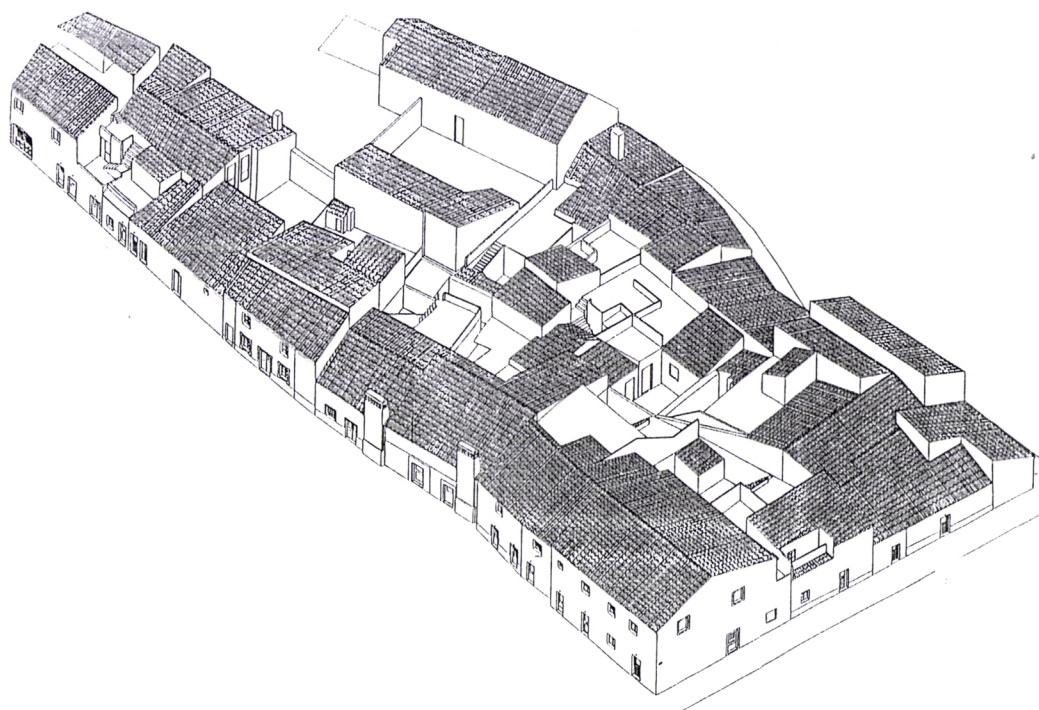


Fig. 4.227 e Fig. 4.228 – Moura, Bairro da Mouraria, casas desenvolvidas paralelamente perpendicularmente à rua (desenhos elaborados pelos alunos da Universidade Lusíada, sob a orientação do Senhor Professor Arquitecto Rosado Correia)

4.3.3.2. Levantamento dos materiais e processos construtivos tradicionais

Antes de referirmos o levantamento dos materiais e processos construtivos tradicionais do edificado do Bairro da Mouraria, torna-se novamente pertinente salientar, que em qualquer acção praticada a nível da construção tradicional, se deve ter em conta o princípio de intervenção mínima, isto é, intervir o menos possível de modo a que, não se perturbe a imagem tradicional de que um edifício pode ainda ser detentor, e ter-se ainda em conta a utilização de materiais reversíveis e compatíveis com os existentes na construção de raiz do edifício a intervir.

Este levantamento foi realizado pelos dados obtidos através de um inquérito realizado à população e através da observação *in loco* da presente realidade construtiva ⁹.

1 – Materiais Construtivos

a) Materiais Pétreos

Como já referimos, os tipos de pedras aplicadas num determinado edifício eram, geralmente, os que abundavam na região. Esta realidade é a que também ocorre no Bairro da Mouraria de Moura.

Efectivamente, destacámos lá, o uso de pedras como – calcários, mármore, xistos, areias e cascalhos presentes, no Bairro da Mouraria, sobretudo na concretização:

- de fundações para paredes de taipa, tijolo e alvenaria irregular, sendo esta última constituída por pedras de pequenas e grandes dimensões;
- de pavimentos de rua – utilizava-se a pedra irregular.

b) Cal

A cal foi um material “por excelência” sempre usado no Bairro da Mouraria, não só em argamassas de assentamento, no levantamento e protecção de paramentos, mas também no processo de caição e de pintura a cal com adição de pigmentos minerais obtidos na região. Há quem afirme que a estabilidade dos edifícios do bairro em estudo está inerente às potencialidades que a cal oferece.

No nosso século, sempre houve facilidade de se adquirir, em Moura, cal de boa qualidade, quer branca, quer preta, pois existiam em funcionamento vários fornos artesanais na sua área limítrofe, hoje restritos a dois que no entanto fornecem cal branca para todo o concelho.

Através das informações obtidas por pessoas que trabalharam durante muito tempo no Bairro da Mouraria, ficámos elucidados de que era habitual no levantamento das paredes tanto em taipa, como em alvenaria de pedra irregular, usar-se a argamassa de cal preta (processo tradicional de Moura). Actualmente, já não se usa este

⁹ Ver anexo IV

processo, optando-se geralmente pela utilização de rebocos de assentamento e revestimento à base de cimento, nada compatíveis com os materiais tradicionais ainda existentes.

Informaram-nos ainda que no passado as argamassas eram concretizadas, habitualmente, com o traço - 1 volume de cal preta , 3 volumes de areia, indo-se buscar a areia necessária ao Rio Guadiana e ao seu afluente Ardila.

c) Materiais cerâmicos

- tijolo maciço para execução de abóbadas, para vãos de portas e janelas, material de complemento da taipa e das alvenarias de pedra irregular e da construção de chaminés;
- telha mourisca para coberturas;
- tijoleira para pavimentos.

Como já referimos na descrição dos materiais do Convento de Nossa Senhora da Assunção, o fabrico dos materiais cerâmicos aplicados em acções de manutenção do edificado do Bairro da Mouraria seria efectuado, em fornos existentes, nessa época, na área limítrofe de Moura, a exemplo do que se verificava com a cal.

Em diálogo com o Sr. João da Mouca, antigo construtor civil, fomos informados de que os fornos de telha que forneciam os materiais cerâmicos para a conservação de edifícios no Bairro da Mouraria se localizavam em várias zonas próximas de Moura, tais como, Ameixial, Vale de Figueira, Machados e Ponte de Sua Alteza.

«As profissões de tijoleiro e de telheiro, deixaram de existir no concelho de Moura, como actividade produtiva há cerca de trinta e cinco anos, altura em que as cerâmicas industriais , com toda uma rede de distribuição de material e a custos de produção muito inferiores aos então praticados pelos artesãos acima mencionados, invadiram o mercado. (...)»¹⁰.

A título de curiosidade, resta-me acrescentar que a arte de manipular o barro deve ter sido uma profissão com um certa implantação ao nível do concelho, uma vez que ainda hoje existe em Moura a Rua do Telheiro e um local designado por Terreiro das Olarias.»¹¹

¹⁰ Transcrição de José Correia, Culturas e Mentalidades, Câmara Municipal de Moura, 1997, p. 235.

¹¹ Idem, p.237.

d) Adobe

Este material geralmente era aplicado no levantamento de paramentos interiores pela mais fraca durabilidade que oferecia.

e) Madeira

No passado, a maior parte das madeiras utilizadas seriam, possivelmente, as que mais abundavam na região, embora devido à sua má qualidade, se lhes preferisse o uso das madeiras de carvalho e de castanheiro.

A madeira era e é aplicada sobretudo:

- na estrutura de telhados;
- tectos em ripas;
- barrotes intervalados em “salto raso” que suportam cobertura em telha vã;
- barrotes intervalados que suportam tecto em caniço;
- em portas e janelas.

f) Cana

Este material era utilizado para forrar os tectos, isto é, para a concretização de forros de caniço, processo sempre tradicional da Mouraria e do Alentejo, sobretudo das casas populares.

2) Processos construtivos

Passamos a descrever os processos de construção tradicionais aplicados no Bairro da Mouraria.

Como anteriormente mencionámos, é a região que de facto comanda a escolha dos processos utilizados num determinado edifício, dando origem a linguagens construtivas tradicionais identificadoras de estilos arquitectónicos únicos.

Esta realidade esteve patente no edificado da Mouraria até ao momento em que a “vaga” dos materiais de construção modernos entraram no mercado e, infelizmente, se expandiram destruindo uma imagem reveladora de raízes históricas fortes.

Em nossa opinião, torna-se por isso pertinente realçar os processos construtivos decorrentes dos recursos naturais existentes na região, outrora aplicados de forma simples e natural, exemplo de estabilidade e de durabilidade.

Passamos então, a referir os vários processos construtivos tradicionais ainda evidentes no Bairro da Mouraria.

a) Fundações

As casas do Bairro da Mouraria estão geralmente construídas em taipa, assentando habitualmente em fundações constituídas pelos vários tipos de pedra, já especificados, ligados por argamassa de cal preta. Devemos porém realçar, que as poucas paredes de alvenaria de pedra irregular e de tijolo maciço, também assentam neste tipo de fundações.

b) Paredes

Repetem-se os processos de execução aplicados na casa "medieval" do espaço Intra-Muros do castelo.

As paredes exteriores encontram-se concretizadas em três processos construtivos:

- taipa, rebocada e caiada;
- alvenaria de tijolo maciço ligada por argamassa de cal, rebocada e caiada;
- alvenaria ordinária de pedra irregular, ligada com argamassa de cal, rebocada e caiada.

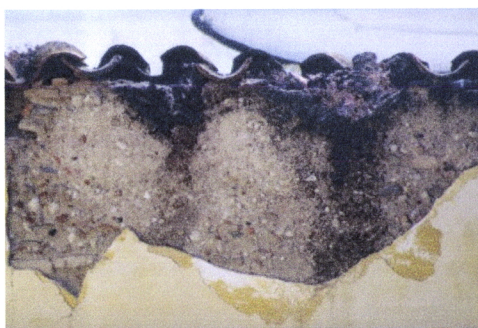


Fig. 4.229 - Moura, Bairro da Mouraria, uso da taipa no edificado (foto da autora)

Quanto às paredes interiores, pensamos que estas poderiam, ser em alvenaria de adobe ou tijolo maciço ligada por argamassa de cal e depois rebocada e caiada.

c) Vãos

A construção das aberturas dos vãos é geralmente feita com tijolo maciço.



Fig. 4.230 - Moura, Bairro da Mouraria, uso do tijolo na abertura de vãos (foto da autora)

As casas tradicionais têm habitualmente uma única abertura, a porta, a menos que consideraremos a integração, menos usual, de uma janela da fachada principal. Todavia, com o correr dos tempos, começou-se a abrir mais do que uma janela, o que veio a perturbar totalmente a linguagem tradicional, à excepção das casas de dois pisos.



Fig. 4.231 - Moura, Bairro da Mouraria, casa tradicional apenas com uma abertura. (foto da autora)

Fig. 4.232 – *Idem*, Integração de novas aberturas na fachada (foto da autora)

“Também reza a tradição” que portas e janelas não apresentavam qualquer tipo de guarnecimento, apesar de muitas ostentarem molduras de reboco salientes, que, se, em nosso entender, acompanharem a forma dos vãos, não destoam grandemente do que se considera característico da arquitectura tradicional alentejana.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4. 233 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com moldura bem evidenciada no paramento (foto da autora)

As portas e as janelas são constituídas por caixilharia de madeira e no interior por portadas também de madeira.



Fig. 4. 234 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com porta tradicional de madeira (foto da autora)

d) Soleiras e peitoris

A soleira do degrau pode ser de pedra com espelho caiado. Costuma dizer-se em Moura, ao acto de cair o espelho do degrau - "fazer o pézinho"

A soleira também pode ser rebocada e pintada com cor vermelha (almagre). De referir ainda a situação do degrau ser todo pintado.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4. 235- Moura, Bairro da Mouraria, casa com soleira em pedra (foto da autora)



Fig. 4. 236 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com degrau pintado de vermelho (foto da autora)



Fig. 4. 237 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com degrau todo caído (foto da autora)

Tradicionalmente os peitoris das janelas eram caiados.

e) Cimalkhas e beirados

O beirado é um elemento a não esquecer nas fachadas das casas da Mouraria, não só pela sua função, de proteger as paredes da penetração de água, mas também pelo facto das telhas que o constituem serem pintadas com tinta de cor que se destaca da cor branca das paredes, utilizando-se geralmente cor de tijolo e quase sempre, pigmentos de almagre.



Fig. 4. 238 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com o beirados pintado de vermelho (tinta plástica) (foto da autora)

f) Pavimentos

Os pavimentos utilizados nas divisões da casa poderiam ser, antigamente, de terra batida com um malho, posteriormente pintada com almagre. Por vezes substituíam-se este processo por uma aguada de cimento a ser pintada com almagre, ou ainda por tijoleira também designada por ladrilho e, na zona de Moura, por baldoza. Hoje em dia, o pavimento mais utilizado é, infelizmente, o mosaico cerâmico.



Fig. 4. 239 - Moura, Bairro da Mouraria, casa com pavimento pintado de vermelho (tinta plástica) (foto da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

No exterior o pavimento das ruas é a calçada, feita com pedra irregular e considerada um elemento definidor da antiguidade histórica do núcleo urbano.



Fig. 4. 240 – Moura, Bairro da Mouraria, calçada da rua. (foto da autora)

g) Tectos (forro)

No que concerne os tectos habituais da Mouraria, constatámos que havia, e ainda estão presentes:

- abóbada e abobadilha rebocadas e caiadas;



Fig. 4. 241 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com abóbada de berço. (foto da autora)

- madeira - barrotes de madeira intervalados, "salto rato", ou em tábuas de madeira unidas;

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4. 242 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com forro de madeira (foto da autora)

- forro de caniço.



Fig. 4. 243 – Moura, Bairro da Mouraria, casas com forro de caniço (foto da autora)

h) Coberturas

As coberturas das casas são de duas águas concretizadas em telha mourisca (canudo ou vã)



Fig. 4. 244, Fig. 4. 245 - Moura, Bairro da Mouraria, coberturas em telha de canudo (fotos da autora)

i) Chaminés

Todos os tipos de chaminé existentes na Mouraria são construídos em tijolo maciço, ligado por argamassa de cal, posteriormente rebocado e caiado.



Fig. 4.246 - Moura, Bairro da Mouraria, chaminé concretizada em alvenaria de tijolo (foto da autora)

Com base nas análises a que procedemos - estudo tipológico, levantamento dos materiais e processos tradicionais, - conseguimos definir a arquitectura tradicional (fachada) da Mouraria

- Cobertura em telha de canudo.
- Com chaminé (de ressalto, cilíndrica, de secção rectangular e quadrangular), ou sem chaminé.
- Beirado – com a parte inferior da telha pintada com tinta de cor aproximadamente da coloração do tijolo.
- Paredes rebocadas e caiadas.
- Aberturas – uma porta, ou uma porta e uma janela, ou ainda uma porta ou três janelas (casa de dois pisos), concretizadas em madeira, pintada de verde, vermelho, azul, etc.
- Peitoris rebocados e caiados.
- Soleira do degrau em pedra e o resto caiado, ou com degrau todo pintado com almagre ou apenas a sua soleira.

Temos a noção de que a maioria dos edifícios apresentam sempre elementos que não são próprios de uma tipologia arquitectónica tradicional perfeita "como daquelas que existiam antigamente". No entanto subsistem algumas casas que mantêm a traça arquitectónica tradicional.

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria



Fig. 4.247, Fig. 4.249 e Fig. 4.251 - Moura, Bairro da Mouraria - casas no antigamente (fotos de João da Mouca), Fig. 4.248, Fig. 4.250 e Fig. 4.252, *Idem*, casas no momento presente (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

Para além de existirem casas que não sofreram alterações, outras há que sofreram apenas transformações pontuais e outras que estão completamente descaracterizadas. Esta realidade surge na sequência da falta de sensibilidade e de conhecimento por parte da própria população do bairro, situação agravada pelo facto de para isso não estar a ser alertada. Caso não se proceda rapidamente a uma operação de sensibilização canalizada nesse sentido, poder-se-ão, perder a curto prazo, sem apelo nem agravo, as marcas de identidade e autenticidade ainda detectáveis nalgum edificado.

Por tal razão passamos a especificar as deturpações parciais e gerais inerentes aos edifícios do Bairro da Mouraria:

- alteração das cérceas dos edifícios sem serem contextualizadas no que é considerada arquitectura tradicional específica do Bairro em questão, por exemplo com a introdução de 2^{os} pisos completamente descontextualizados, com realce para a existência de terraços, varandas, varandins, marquises, janelas enormes, etc;



Fig. 4.253, Fig. 4.254 e Fig. 4.255 - Moura, Bairro da Mouraria, casas com alteamento de cérceas (fotos da autora)

- introdução de novas aberturas nas fachadas;



Fig. 4.256 e Fig. 4.257 - Moura, Bairro da Mouraria, casas com aberturas nada integradas do contexto tradicional (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- demolição de chaminés;



Fig. 4.258 e Fig. 4.259 – Moura, Bairro da Mouraria, a mesma casa no passado e no presente (foto da Biblioteca Municipal de Moura e foto da autora)

- deturpação da chaminé de ressalto pela introdução de uma porta, o que a fez totalmente perder o seu aspecto funcional e a sua imagem vigorante;



Fig. 4.260 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com chaminé de ressalto deturpada (fotos da autora)

- construção de novos tipos de chaminés;



Fig. 4.261 Fig. 4.262 – Bairro da Mouraria, casas com chaminés modernas completamente descontextualizadas (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- introdução de ferragens nas portas e nas janelas de madeira;



Fig. 4.263 – Bairro da Mouraria, aplicação de ferragens nas portas e persianas (fotos da autora) Fig. 4.264 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com persiana, portas de alumíneo e varandim

- introdução de portas e de janelas de alumínio ou de ferro;



Fig. 4.265 e Fig. 4-266 – Bairro da Mouraria portas de alumínio e de ferro desenquadradas (fotos da autora)

4. Casos de estudo: Área Intra-Muros do Castelo e o Bairro da Mouraria

- introdução de molduras de reboco trabalhadas ou de cantarias em vários tipos de pedra;



Fig.4.267 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com moldura de reboco descontextualizada (foto da autora)

- introdução de socos em reboco e em pedra, e de cantaria em pedra;



Fig.4.268– Moura, Bairro da Mouraria, casa com cantaria em pedra (foto da autora)



Fig. 4.269 . Moura, Bairro da Mouraria, casa com soco em pedra (foto da autora)

- introdução de mosaico cerâmico e de pedra não apropriados nas soleiras e nos peitoris.



Fig.4.270, Fig. 4.271 e Fig. 4.272 – Moura, Bairro da Mouraria, casa com soleiras e peitoris descon-
textualizados (fotos da autora)

Podemos portanto concluir que o Bairro da Mouraria é ainda detentor de várias tipologias arquitectónicas de valor histórico, pelo facto de apresentarem características consideradas pertencentes ao Período Medieval e identificatórias da arquitectura tradicional alentejana. No entanto, como foi referido anteriormente, também nele coexistem deturpações que afectam a imagem tradicional pretendida. Tal realidade poderá ser alterada, se houver empenho das entidades competentes em solucionar o problema.

Esta realidade já era motivo de preocupação em 1989 : o Jornal de Moura – A Planície em 1 de Outubro desse ano publicou a notícia da realização de uma reunião de autarcas, em que se debateu a preservação do património arquitectónico de Moura, sobretudo no Castelo e no Bairro da Mouraria. Face à diversidade de opiniões emitidas sobre o tema em questão, concluiu-se que, possivelmente no futuro, no Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Moura, se estipulariam propostas adequadas à resolução dos vários problemas, debatidos e em particular as deturpações arquitectónicas operadas no bairro.

Mouraria

— Preservação do Património Arquitectónico

Numa altura em que se pretende a recuperação do Castelo de Moura, que ao longo dos anos se deixou degradar, vítima não só do tempo mas também de barbaridades ali praticadas, atenta-se no Bairro da Mouraria. Houve mesmo uma reunião para debater o assunto, a fim de «aprofundar e perspectivar algumas ideias e conceitos sobre a preservação do património arquitectónico». Sem naturalmente constituir novidade para ninguém, um vereador afirmaria que «... a Mouraria de Moura é única no País, tem grande valor histórico, pelo que vale a pena recuperá-la. Propõe que a Câmara tome desde já medidas, como por exemplo acabar com as portas de alumínio, ainda que isso lhe acarrete problemas financeiros».

Um outro interveniente, frisaria que «... a Mouraria é uma das zonas mais carenciadas da cidade, pelo que os seus moradores não terão possibilidades financeiras para proceder às obras de recuperação». Acrescentaria ainda, «que no âmbito do Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Moura, surgirão por certo, algumas propostas quanto à defesa e recuperação deste conjunto urbano».

Duas intervenções e logo dois desajustamentos. Um atira com medidas rápidas e admite a intervenção da edilidade no aspecto financeiro. O outro sublinha, que é uma das zonas mais carenciadas, não podendo como tal os moradores suportar as obras, portanto esquecendo a participação da edilidade, terminando por prever algumas soluções no Plano de Salvaguarda do Centro Histórico de Moura. (Não já).

Fig. 4.273 – Notícia de Moura, publicada no jornal - A Planície de 1989.

Alimenta-se, nesse período, a esperança de que serão criadas propostas de erradicação de, pelo menos, alguns dos problemas existentes no Bairro da Mouraria, através da eficiente acção do Plano de Salvaguarda e Reabilitação do Centro Histórico de Moura, pensando-se com optimismo que essas desejadas propostas seriam de facto concretizadas num futuro próximo.

Mas, para nossa desilusão, estamos em 2000 e tudo continua na mesma : as deturpações arquitectónicas por nós enunciadas, mantêm-se e, do nosso ponto de vista, para durarem.

4.3.3.3. Estudo dos materiais e processos construtivos tradicionais e suas patologias (integração do edificado dos dois casos de estudo)

Mais uma vez insistimos em que o conhecimento correcto dos materiais e processos construtivos tradicionais é de grande importância para o sucesso de qualquer acção de conservação no património histórico edificado.

«A escolha dos materiais obedece a critérios diferentes dos aplicáveis em edifícios correntes, designadamente no que se refere às condições de compatibilidade com os materiais existentes, reversibilidade e durabilidade. Apesar de ninguém seleccionar deliberadamente materiais susceptíveis de exercerem acções nefastas nos edifícios em que sejam aplicados, o que é facto é que, muito frequentemente, esse tipo de materiais é utilizado devido ao desconhecimento ou à não-ponderação do seu desempenho nas condições reais nessa aplicação»¹².

O prolongamento de vida de um determinado edifício histórico depende do respeito que exista para com os materiais de origem que o formam. Quem se julga capacitado em intervir no mundo da conservação do património tem necessariamente, de contemplar a aplicação de materiais tradicionais, em detrimento dos materiais modernos detentores de tempo de vida útil curto.

Como filosofia geral poder-se-á considerar que a utilização de materiais tradicionais é, em regra a solução mais adequada, quer em termos de desempenho, quer em termos de minimização dos danos causados ao edifício. Nem sempre, contudo, é possível o uso desse tipo de materiais. Nestas situações deverão então ser aplicados materiais modernos que cumpram de forma eficaz as funções que lhes forem atribuídas, simultaneamente, consentâneas com as condições de compatibilidade, reversibilidade e durabilidade referidas anteriormente¹³.

a) Arquitectura de terra crua – taipa e adobe

Abordaremos, em primeiro lugar, a importância da arquitectura de terra crua na qual se integram os processos de execução da taipa e do adobe.

Em nosso entender torna-se pertinente concretizar uma abordagem completa relativa a este processo construtivo, pela sua importância a vários níveis e pela tendência que este tem para desaparecer devido à falta de co-

¹² Fernando Henriques, *A Conservação do Património Histórico Edificado – Considerações Sobre a Qualidade – Os Materiais*, Memória nº 775, LNEC, Lisboa, 1991, p. 18.

¹³ *Idem*, (1991) p. 21

nhcimento das suas potencialidades, daí derivando que apenas seja considerado um processo desactualizado e barato.

«A arquitectura só ganha existência concreta quando dá forma apropriada a materiais de construção, transformados ou naturais. De entre estes, o nosso meio propicia-nos potencialidades diversas : as da pedra, madeira e também as da terra crua» ¹⁴.

A história e a tecnologia ou tecnologias da Arquitectura de Terra estão intimamente ligadas à história das civilizações e à sua expansão no Mundo. Longa é a história das construções de terra : Babilónios, Assírios, Fenícios e Chineses utilizavam-nos há milénios ¹⁵.

Já na Pré-História a Europa estava cheia de praças-fortes e de habitações construídas em terra crua. Com o apogeu de Roma aparece Vitruvius o primeiro autor da história a redigir um tratado teórico e prático da Arquitectura: enumera os méritos da terra e recomenda-lhe as mais ponderadas utilizações estratégicas construtivas por todo o Império Romano, embora nas obras de maior prestígio se empregassem a pedra e o tijolo.

Diz-nos Cláudio Torres que *«Nas obras de maior prestígio da época romana em que as alvenarias de pedra e tijolo subiam a maior altura, ou serviam de suporte a arcos, abóbadas ou placagens decorativas, a taipa desempenhava apenas funções complementares. Já nos bairros pobres ou nas casas camponesas, a terra crua cumpria certamente um papel de maior relevo.*

Com a extinção dos programas imperiais e, portanto, dos grandes aparelhos de silharia e mesmo da própria alvenaria embebida em sólida argamassa que deu tanto crédito à arquitectura romana, generalizavam-se naturalmente as técnicas pobres, à medida das comunidades urbanas ou rurais cada vez mais entregues a si próprias e dependentes dos materiais de construção mais acessíveis» ¹⁶.

Espanha e Portugal possuíam antigas tradições de construções em terra. Velhas técnicas celtiberas receberam contribuições do Império Romano, dos Visigodos e com mais força dos Árabes, que durante oito séculos dominaram a Península.

Na globalidade, supõe-se que as primeiras muralhas em taipa terão surgido ainda no Período Emiral-Califal, nomeadamente a partir da 2ª metade do séc. XII surgiram com os almóadas, os novos e fortes sistemas defensivos e dispositivos de defesa.

¹⁴ Jean Dethier, Vantagens Concretas da Construção em Terra Crua, em *Actas do Seminário - Arquitecturas de Terra*, Ed. Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga, 1992, p.7.

¹⁵ Fernando Rocha Pinto, Arquitectura Tradicional no Alentejo, em *Actas do Seminário - Arquitecturas de Terra*, Ed. Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga, 1992, p. 35

¹⁶ Cláudio Torres, A Taipa : Experiência em Curso Pelo Campo Arqueológico em Mértola, em *Actas do Seminário - Arquitecturas em Terra*, Ed. Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga, 1992, p. 95.

Segundo H. Catarino «Terá sido igualmente neste período que em Portugal se terá verificado a divulgação das fortificações em taipa, com novos dispositivos de defesa, em áreas estratégicas controladoras dos grandes eixos de penetração da Reconquista e com a reconstrução das cercas urbanas nas principais cidades do Sul»¹⁷.

Embora disponhamos de dados arqueológicos praticamente nulos, é - nos lícito pensar que a partir de 1168-1169 (data das remodelações almóadas em Badajoz) se iniciou uma fase de construção de fortificações em taipa no Alentejo, datando, talvez, desta altura algumas reconstruções nas muralhas de Elvas, no castelo de Moura, Serpa, ou mesmo em Juromenha¹⁸.

A inserção de Moura no conjunto supracitado está comprovada pela existência de uma torre e de um troço de muralha em taipa edificados no período almóada há 700 anos atrás. Estas construções militares em taipa não têm dimensões muito significativas, pois trata-se apenas de restos do sistema defensivo islâmico que escapou à terrível destruição deste tipo de muralha ocorrida no séc. XVIII com a intenção da taipa servir de matéria prima para o fabrico de salitre, como anteriormente não deixámos de referir.

Na taipa militar usa - se uma argamassa de muita cal - uma espécie de *opus caementicium* romano - vertida em grandes cofragens de madeira onde fica a secar antes dos taipais serem removidos..

A argamassa então utilizada, caracterizada por ser duríssima, era rebocada de modo a que se camuflessem as juntas dos taipais, concretizando-se de seguida a última fase deste processo construtivo - a pintura dos falsos silhares.

De acordo com Cláudio Torres, Moura – pela sua Torre e pelo seu troço de cortina em taipa – insere-se na referência anterior, o mesmo sucedendo com as fortalezas de Silves, Paderne, Juromenha e Alcácer do Sal¹⁹.

A abordagem sucinta da taipa militar justifica- se, neste trabalho, por ter sido muito utilizada na fortificação militar islâmica da cidade de Moura. Podemos contactar com esta realidade pela observação *in loco*, do torreão e troço de muralha ainda bem evidentes no momento actual. Na presente década , estes elementos foram intervencionados com o intuito de se promover a sua conservação. Pela leitura do relatório realizado aquando da intervenção atrás mencionada, poderemos então concluir que este tipo de processo construtivo, se inseria, plenamente, na construção militar corrente no Alentejo no Período Islâmico.

Logo no Sul de Portugal, portanto no Alentejo e no Algarve que a construção em terra teve maior expressão, pois, embora seja possível encontrar adobe nessa zona, a taipa é aqui dominante.

¹⁷ H. Catarino, Fortificações do Período Almóada no Sul de Portugal, em *Seminário - Arquitecturas em Terra*, Ed. Museu Monográfico de Conimbriga, 1992, p. 15.

¹⁸ *Idem*. p.16.

¹⁹ C. Torres, *ob. cit.*, (1992) p. 96.

Nas palavras de Jean Dethier «Até ao séc. XX, a terra foi em muitos países, (...) um dos mais vulgares materiais de construção tradicionais. É um facto histórico que tem sido subestimado ou ocultado»²⁰.

Actualmente, têm-se em linha de conta diversas razões complementares e indissociáveis para se evocarem arquitecturas de terra. A tomada de consciência, a nível mundial, do valor de inúmeras obras de arquitectura construídas com este material, assim como da necessidade da sua preservação, aponta para a conveniência de se pensar nas arquitecturas de terra em termos de presente e de futuro.

Segundo Mendes de Magalhães Nero « *Numa sociedade que pugne pela valorização do seu património histórico-cultural, iniciativas que suscitem uma maior compreensão das soluções arquitectónicas ligadas à construção de terra, são de incentivar, sobretudo se tiverem o propósito da revitalização de técnicas tradicionais ou da divulgação de metodologias inovatórias, sejam elas a nível da conservação, da reabilitação ou até da nova construção* »²¹.

Nas duas últimas décadas, equipas de cientistas e práticos têm vindo a demonstrar de forma conclusiva a viabilidade deste material (terra) em múltiplas utilizações na construção, graças a notórios aperfeiçoamentos de correntes da aplicação da tecnologia moderna. Assiste-se actualmente a uma concorrida luta internacional para determinarem e dominarem as múltiplas vantagens e desvantagens deste mercado, facto que corresponde a importantes alterações na mentalidade e exigências do público e dos responsáveis²².

A construção em terra depende sem dúvida do material que determinado local oferece, devendo-se ponderar que será impossível existirem dois tipos de construção de taipa iguais²³.

É nossa intenção descrever os métodos de execução do adobe e da taipa, sobretudo o último, por este ser praticamente um processo construtivo presentemente marginalizado presentemente no mundo da construção, em especial porque a taipa não é convenientemente conservada e por vezes apenas substituída por materiais modernos, que prejudicam o seu tempo de vida e pondo totalmente em causa, a durabilidade de todo o edificado.

Taipa

Perde-se no tempo o uso da taipa em Portugal. O termo árabe “tâb” parece ter sido a origem da palavra taipa.

A taipa pode revelar técnicas construtivas próprias de cada região, consoante a sua composição, além de indicar momentos cronológicos diferentes. Assim, existe a taipa comum que é a mais vulgar, a mais generalizada e mais bem adaptada às condições do Alentejo, e a taipa militar generalizada na época almóada, ou seja, a partir da segunda metade do séc. XII²⁴.

²⁰ J. Dethier, *ob. cit.*, (1992) p. 7.

²¹ A. Magalhães, *Construção em Terra - Uma Escola Aberta em Actas do Seminário - Arquitecturas de Terra*, Ed. Museu Monográfico de Conimbriga, Conimbriga, 1992, p. 39.

²² J. Dethier, *ob. cit.*, (1992) p. 7.

²³ F. Pinto, *ob. cit.*, (1992), p. 35.

²⁴ C. Torres, *ob. cit.*, (1992), pp. 95-96.